

# **AValiação DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE PROFESSORES<sup>1</sup>**

**Nádia Conceição dos Santos Miranda<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Este ensaio apresenta os resultados de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, realizado no âmbito do Curso de Pedagogia – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Campus dos Malês – Bahia, que buscou investigar as práticas de avaliação da aprendizagem de professoras que atuam em 2 (duas) escolas públicas de Educação Infantil na cidade de Santo Amaro – BA. Participaram da pesquisa 07 (sete) professoras que responderam a um questionário com o intuito de colher informações sobre como estas concebem a avaliação na Educação Infantil, quais os instrumentos de coleta e registro são utilizados para avaliar os alunos e ainda quais ações pedagógicas são realizadas a partir dos resultados obtidos no exercício da coleta de dados. Foi possível perceber no decorrer da pesquisa que as educadoras fazem a observação diária de seus alunos e anotam as informações coletadas em relatórios, caderno de registro e portfólios. Entretanto, a maioria não percebe que o resultado do processo avaliativo deve ser utilizado para redirecionar o seu fazer pedagógico. Com este trabalho, espera-se contribuir com as reflexões que vem sendo construídas sobre avaliação no campo da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Avaliação educacional - Santo Amaro (BA). Educação infantil - Santo Amaro (BA).

## **ABSTRACT**

This essay presents the results of a research of the Final Course Paper – TCC, carried out within the scope of the Pedagogy Course – University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia – UNILAB, Campus dos Malês – Bahia, which sought to investigate assessment practices of the learning of teachers who work in 2 (two) public schools of Kindergarten in the city of Santo Amaro – BA. 07 (seven) teachers participated in the research who answered a questionnaire in order to gather information on how they conceive the assessment in Early Childhood Education, which collection and registration instruments are used to assess students and also what pedagogical actions are carried out to from the results obtained in the exercise of data collection. It was possible to notice during the research that the educators make the daily observation of their students and record the information collected in reports, notebooks and portfolios. However, most do not realize that the result of the evaluation process should be used to redirect their pedagogical practice. With this work, it is expected to contribute to the reflections that have been built on evaluation in the field of Early Childhood Education.

**Key words:** Early childhood education - Santo Amaro (BA). Educational assessment - Santo Amaro (BA).

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade da Int  
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Cardoso  
Silveira.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de avaliar na Educação Infantil não tem a finalidade de classificação, promoção ou seleção, nem sequer dar acesso ao Ensino Fundamental, segundo menciona a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9394/96, art.31). Sendo assim, como se caracteriza o processo de avaliação na Educação Infantil e como os profissionais dessa área compreendem essa ação na primeira etapa da educação básica? E quais são os instrumentos usados por estes para avaliar as crianças? Esses são alguns dos pontos que nortearam essa pesquisa.

O processo avaliativo mediador, conforme afirma Hoffmann (s.d), envolve as etapas de observação, reflexão e ação pedagógica em um ciclo ininterrupto, por isso buscou-se também nesse trabalho averiguar quais ações pedagógicas são desenvolvidas pelas professoras a partir dos resultados das observações das crianças. Para tanto, investigou-se as práticas de avaliação da aprendizagem de docentes de 2 (duas) escolas públicas de Educação Infantil situadas na cidade de Santo Amaro – BA, dessa maneira, foi possível perceber como as instituições pesquisadas lidam com as fases do ciclo avaliativo.

O desejo de pesquisar a respeito desse tema nasceu durante as aulas de Educação Infantil ministradas na universidade. As aulas me fizeram refletir intensamente que as crianças necessitam ser vistas como cidadãos de direito que produzem cultura dentro do tempo e espaço que lhes são próprios e, por isso, suas vozes têm significados e devem ser ouvidas. Dessa forma, foi relevante compreender também como as produções das crianças são tratadas pelas educadoras dentro do processo de avaliação.

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, onde as docentes da Educação Infantil responderam a um questionário com a finalidade de atingir os objetivos inicialmente propostos. Para embasar este trabalho foram utilizados os estudos de autores e autoras que discutem sobre o tema Avaliação na Educação Infantil, entre eles a escritora Jussara Hoffmann que possui grande destaque nessa área.

O presente artigo está dividido em cinco seções, incluindo esta introdução. Na segunda parte constam as reflexões desenvolvidas a partir da revisão de literatura sobre as práticas avaliativas na Educação Infantil; na terceira seção encontram-se os procedimentos metodológicos da pesquisa; em seguida apresentam-se os principais resultados e discussões da pesquisa de campo e, por fim, encontram-se as considerações finais.

## 2 PRÁTICAS AVALIATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nessa seção encontram-se as reflexões feitas a partir das literaturas consultadas sobre a Educação Infantil e sua importância para o desenvolvimento integral das crianças, seguido das discussões a respeito das concepções e instrumentos de avaliação, bem como as considerações a respeito da postura que os educadores devem assumir frente ao erro das crianças e as ações pedagógicas realizadas a partir dos resultados obtidos.

### 2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a primeira fase da Educação Básica e está dividida em creche, onde recebe crianças de até três anos e em pré-escola que atende crianças de quatro a cinco anos. Essa fase escolar tem o objetivo de preparar pelo desenvolvimento das alunas e alunos nos aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade, conforme prevê a Lei 12.796 de 2013 (que altera a Lei 9.394 de 1996).

Apesar de atualmente a Educação Infantil ser bastante discutida, repensada e ser amparada por lei, no passado esse cenário foi diferente. Com a abolição da escravidão em 1888, onde foi crescente a migração de pessoas para as grandes cidades, deram-se início as primeiras ações no intuito de proteger as crianças quanto ao alto índice de mortalidade infantil com a criação de creches. No entanto, segundo Paschoal e Machado (2009) essas ações não vieram por parte do poder público e sim por organizações filantrópicas.

Foi apenas com a criação da Constituição de 1988 que o poder público reconheceu o direito à educação para as crianças. Conforme Paschoal e Machado (2009, p. 85), “do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação”. Assim é possível perceber que a partir de então a criança brasileira foi compreendida como sujeito portador de direitos.

E como sujeito de direitos, a criança deve ter acesso à Educação Infantil e esta deve lhe permitir seu pleno desenvolvimento. A criança deve ser estimulada a desenvolver a capacidade de autoconhecimento de modo a perceber suas limitações e suas potencialidades; bem como ser incitada a constituir vínculos afetivos com adultos e outras crianças, aumentando as suas possibilidades de interação social; devem ser instigadas também a observar e explorar o ambiente que a cerca, percebendo-se como sujeito transformador do meio e ainda ser estimulada a usar as diversas linguagens, sejam elas orais, escritas, corporais etc. (BRASIL, 1998a, v.1).

Como as crianças estão em constante aprendizado e desenvolvimento, cada ação realizada por elas deve ser observada minuciosamente pela professora, pois em cada choro, risada ou gripe elas expressam sentimentos e se comunicam com as pessoas e ambientes que estão em torno delas. E a docente ao observá-las, deve também dar significados as atividades e gestos que estas manifestam no dia a dia.

Para tanto, a docente precisa estar atenta para as características das crianças com as quais trabalha, tendo em vista que uma se diferencia da outra quanto ao seu desenvolvimento físico e intelectual, uma vez que são oriundas de famílias diversas, que possuem condições financeiras e sociais também diversificadas. Assim, na sala de aula é possível se perceber uma heterogeneidade de saberes e experiências, crianças na mesma faixa etária, mas que foram expostas a vivências diversificadas dentro de seus lares e comunidade. E todo esse conhecimento trazido por elas deve ser considerado no fazer educativo, pois é parte integrante do seu ser, como escreve Kramer:

Conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, [...]. (KRAMER, 1986, p. 79 *apud* MAIA, 2012).

O professor necessita considerar uma concepção de criança que não é padronizada e imóvel, uma vez que a humanidade está em constante mudança, essa concepção também vai se adaptando a esse movimento, por isso, “[...] apostamos numa concepção que não se fixa num único modelo, que está aberta à diversidade e à multiplicidade que são próprias do ser humano” (KRAMER, 1999, p. 277 *apud* MAIA, 2012).

Como o papel do professor é essencial para que a criança possa atingir todos os objetivos listados anteriormente, a legislação afirma que os profissionais que atuam ou desejam atuar nessa etapa de ensino, devem possuir formação superior em curso de Licenciatura ou Ensino Médio e Tecnológico, desde que vivenciem conteúdos técnico-pedagógicos (Lei 12.796/13, art. 62 A). Esse critério de formação exigido para os docentes da Educação Infantil visa ter em sala de aula profissionais capacitados e preparados para o exercício da docência, bem como para os desafios que cercam essa etapa da educação.

É de fundamental importância que os docentes recebam uma formação que possa prepará-los para o trabalho com as crianças, especificamente, com a prática do processo avaliativo, uma vez que a dificuldade de avaliar os pequenos e pequenas surgem, muitas vezes, da falta de formação adequada nesse campo do conhecimento. Uma boa formação docente,

inclusive em avaliação da aprendizagem, é crucial para que seja proporcionado às crianças o desenvolvimento completo em todos os aspectos previstos em lei, conforme escreve Cerisara (*et al.*, 2002, p. 5):

[...] Tal compreensão contribui para que pensemos a formação inicial como um espaço que introduz elementos para a construção de uma postura profissional de valorização de práticas como a observação, a discussão e a reflexão sobre os múltiplos modos de expressão das crianças, instrumentos fundamentais da prática pedagógica em educação infantil.

Por isso, discutir o tema avaliação na Educação Infantil é essencial, pois é através dela que ações poderão ser realizadas para o melhor desenvolvimento e aprendizado das crianças, bem como para que cada profissional da área possa rever sua prática de ensino.

Configura-se ainda um desafio falar sobre esse tema no âmbito da Educação Infantil tendo em vista que a concepção classificatória da avaliação está fortemente impregnada nos currículos escolares, no entanto, essa visão precisa ser repensada e já vem sendo feito vários esforços nesse sentido, como é possível ver nas discussões a seguir.

## 2.2 CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

Segundo Lopes e Tenório (2010, p. 15) o conceito de avaliação para a maioria dos estudiosos na área está ligado ao ato de “julgar o valor ou o mérito de alguma coisa”. Complementando, os autores afirmam que a avaliação consiste em um processo de coleta de informações de qualidade, com o intuito de tomar decisão e alcançar a melhoria do processo avaliado. Assim, o ato de avaliar está diretamente relacionado com o ato de provocar melhorias.

Nesse sentido, a ação de avaliar vai além do ato de atribuir uma nota para determinado estabelecimento ou pessoa; avaliar envolve um processo minucioso de coleta de dados sobre o objeto analisado, a fim de que a qualidade deste seja verificada. Se a qualidade analisada for satisfatória, ações para manutenção desse padrão devem continuar sendo realizadas para que não haja a perda da qualidade, caso seja insatisfatória, será necessário colocar em prática ações que possam melhorar a realidade observada (LUCKESI, 2014).

Referente à avaliação no âmbito educacional, Hoffmann (2012, p. 13) conceitua esta como “um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem por um longo tempo e em vários espaços escolares, de caráter processual e visando, sempre, à melhoria do objeto avaliado”. Nesse aspecto, avaliar é um processo contínuo que não se restringe a um período determinado na vida do aluno, mas faz parte do cotidiano deste como também da vida do

professor. O processo avaliativo deve buscar, sobretudo, a melhoria do objeto analisado, e isso se ocorre por meio das etapas de observação – reflexão - ação pedagógica, conforme escreve Hoffmann (s.d, p. 09):

O ciclo de um processo avaliativo mediador envolve observação – reflexão – ação pedagógica, seguindo novamente para a observação – reflexão – ação pedagógica, numa circularidade ininterrupta. A observação do aprendiz, de suas ações e manifestações ao realizar uma determinada atividade ou em algum momento do dia, é apenas uma das etapas desse ciclo.

O que vemos acontecer em muitas escolas e centros educacionais é apenas a primeira etapa desse ciclo, ou seja, a observação, onde o professor observa as atitudes da criança e, por conseguinte, descreve sobre seu processo de desenvolvimento. No entanto, como descrito acima, é preciso que este professor além de observar a criança, possa refletir a respeito do que foi analisado, buscando formas de intervir, caso necessário, através de uma ação pedagógica. E após a aplicação dessa ação é preciso, novamente, observar o cenário visando analisar se houve ou não pontos de melhoria e, assim, o ciclo permanece ocorrendo continuamente.

Como o papel do docente é fundamental para o sucesso do processo avaliativo, faz-se necessário que este rompa com esta visão tradicional, como afirma Gemio (2007, p. 19):

para ressignificar sua prática, o professor precisa libertar-se dessa concepção de avaliação e repensar o significado verdadeiro de avaliar, refletindo sobre as concepções que fundamentam a ação pedagógica, como criança, desenvolvimento, aprendizagem e o papel do educador.

O educador necessita dominar todas as etapas que envolvem o processo avaliativo voltando sempre o seu olhar para o desenvolvimento completo da criança. Esta que não é um ser passivo, mas um sujeito ativo no exercício do ensino-aprendizagem, onde o professor é o mediador e deve garantir que a avaliação adquira uma forma de verificação e de acompanhamento constante desse desenvolvimento, buscando atingir e manter a qualidade do processo. (GEMIO, 2007, p. 12).

A avaliação deve ter como objetivo averiguar em qual etapa do desenvolvimento a criança está, registrar seus progressos e dificuldades e a partir dessas informações traçar quais ações precisarão ser realizadas para que o processo de desenvolvimento tenha sequência (GEMIO, 2007, p. 12). Assim, o aluno é colocado como centro desse cenário, conforme Silva (2012, p.02) escrevem:

A avaliação deve procurar abranger todos os aspectos do desenvolvimento da criança, não só o cognitivo, mas sim uma avaliação a partir do aluno, tendo ele como referência, como parâmetro de si mesmo. Deve ter uma ação também diagnóstica, que indique quais alterações na práxis do professor deve acontecer para facilitar a aprendizagem do aluno. Não é um procedimento que indique o ponto final de um trabalho, uma classificação, para depois resultar numa exclusão futura.

Assim, a concepção adequada de avaliação na Educação Infantil deve ter como ponto de partida o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração que cada criança é única, portanto, cada uma tem um tempo diferente de se desenvolver e aprende de maneiras diversas. Assim o olhar do docente precisa ser sensível para compreender essas diferenças e seu planejamento deve ser pensado para contemplar tanto o coletivo como cada criança individualmente.

### 2.3 O QUE AVALIAR E EM QUE FREQUÊNCIA

Partindo do pressuposto que a avaliação está ligada a investigação da qualidade do processo de desenvolvimento da criança, esta deve ser usada pelo professor para avaliar o aluno de forma completa, levando em consideração os aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Assim, a avaliação deve ocorrer em todos os momentos desde quando a criança chega à escola até o momento em que ela sai, pois em cada um desses momentos é possível observar como cada criança está se relacionando com o ambiente e com as pessoas que as cercam.

Através de uma observação minuciosa o docente pode notar como cada criança age quando está em contato com outras crianças (se conseguem interagir ou isolam-se) ou como se comportam individualmente; é possível também observar como é a relação do aluno com os adultos, bem como sua reação às várias atividades propostas. Outro aspecto importante é analisar os hábitos pessoais de cada criança, suas expressões orais, seu desenvolvimento motor etc. (GEMIO, 2007, p. 20).

Tudo que a criança realiza ou não deve ser avaliado. Então, a avaliação é **formativa**, ela não se restringe apenas ao final de um semestre ou bimestre, ela é feita de forma processual a cada avanço que a criança alcançou ou deixou de atingir. Tudo deve ser devidamente registrado e analisado a fim de que ações pedagógicas possam ser traçadas para manter a qualidade do que foi observado ou para melhorá-la.

Deve fazer parte da rotina das escolas de Educação Infantil proporcionar e avaliar o desenvolvimento das crianças mediante o acompanhamento e registro das observações realizadas, bem como expedir documentação que permita atestar os processos de

desenvolvimento e aprendizagem da criança (Lei 12.796/13, art. 31). Para tanto, faz-se necessário que o docente seja adequadamente preparado para acompanhar de perto as crianças, não somente no sentido de estar fisicamente junto, mas também de entender seus sentimentos e desejos, como afirma Hoffmann (s.d, p. 09).

Para que se proceda a uma prática avaliativa mediadora, é preciso avançar sobre o significado do termo “acompanhar” como “seguir-las com o pensamento, a atenção, o sentimento”. Ou seja, observar para conhecer e compreender cada uma das crianças, suas necessidades próprias, seus interesses, seus momentos de vida [...].

O ato de avaliar na Educação Infantil é crucial para o processo de desenvolvimento das crianças, uma vez que a avaliação está diretamente ligada ao acompanhamento do trajeto de vida de uma criança, durante o qual ocorrem diversas mudanças, e cujo intuito é favorecer ao máximo o desenvolvimento desta. (HOFFMANN, s.d).

E para realizar uma adequada avaliação das crianças os docentes precisam fazer uso de instrumentos apropriados para coletar e registrar as observações colhidas na rotina da sala de aula, conforme é possível verificar no próximo tópico.

## 2.4 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

A Avaliação na Educação Infantil, por ser mal compreendida quanto a sua aplicação, fica vinculada, em muitos casos, à observação, onde muitos educadores têm dificuldades de realizar a coleta de dados por não compreenderem o sentido de avaliar na Educação Infantil e por falta de um conhecimento aprofundado a respeito dos instrumentos de avaliação, haja vista que o conceito de avaliação ainda é ligado a uma concepção tradicional do ato de avaliar. Vários professores reconhecem apenas a “prova”, o “teste” e “seminário” como meios de verificar o que o aluno aprendeu ou não. E como tais instrumentos não são utilizados na Educação Infantil os profissionais da área apresentam muitas dúvidas sobre como avaliar as crianças.

Dentro do processo avaliativo reflexivo, há a etapa da coleta de dados que é realizada a cada atividade proposta, tudo que a criança produz dentro da sala de aula ou fora dela (uma brincadeira livre ou direcionada no pátio da escola, a produção de um desenho etc.) são dados que a professora pode coletar a fim de que possa utilizar para compor seu registro. Desse modo, a criança assume o papel de autora, enquanto a ação de registrar está nas mãos e no olhar da professora.

Os instrumentos básicos usados para descrever a avaliação infantil são os registros diários das observações, segundo escreve Silva (2012), onde o educador anota diariamente sobre as atividades que foram realizadas, quais materiais foram utilizados, bem como qual a resposta das crianças a respeito do que foi proposto.

Outro instrumento destacado por Silva (2012) é o relatório individual, no qual o professor relata sua análise a respeito da criança, ressaltando como esta pode aprimorar sua aprendizagem. Nesse relatório, também é considerado os avanços, as novas descobertas e as mudanças que a criança vem demonstrando no dia a dia. Há também o relatório de grupo, nesse a docente destaca as atividades realizadas pela turma, como os conteúdos trabalhados, como se deu a interação entre as crianças etc.

O portfólio é mais um dos instrumentos que podem ser utilizados no processo de avaliação na Educação Infantil, isso porque é uma opção criativa de organizar todas as produções feitas pelas crianças, como também é uma forma de demonstrar seus avanços e os resultados alcançados ao decorrer do semestre. Através do portfólio o educador aparelha as principais atividades realizadas pelos garotos e garotas, que podem ser desenhos, recortes e colagem, pinturas etc. e avalia o progresso da criança nas atividades. Por meio desse instrumento é possível também a escola manter um diálogo mais próximo com a família, uma vez que o portfólio apresenta para os pais e responsáveis as produções de seus filhos, bem como o trabalho que o docente tem realizado. (SILVA, 2012).

O uso do portfólio permite ainda que o professor e também a criança reflitam juntos sobre as produções feitas. A docente pode fazer com que as crianças percebam seu progresso ao longo do tempo, fazendo-as rememorar seus registros. Cada portfólio constitui-se um autorretrato do aluno, por isso “demanda do educador uma interpretação também única, centrada em cada criança” (RAMIRES, 2008, p. 113).

A respeito dos instrumentos de avaliação as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI (2009) vem afirmar que a instituição de Educação Infantil deve criar procedimentos de coleta de dados a fim de avaliar o trabalho pedagógico e as conquistas das crianças. Assim, as escolas são livres para adotar os instrumentos que melhor se adequem à sua realidade, sem utilizar métodos inadequados, conforme estabelece a DCNEI (2009):

Nunca é demais enfatizar que não devem existir práticas inadequadas de verificação da aprendizagem, tais como provinhas, nem mecanismos de retenção das crianças na Educação Infantil. Todos os esforços da equipe devem convergir para a estruturação de condições que melhor contribuam para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança sem desligá-la de seus grupos de amizade.

Independentemente de qual seja o instrumento empregado pela escola este deve levar em conta que cada criança é única e se desenvolve em tempos diferentes umas das outras, por isso, se necessário, devem ser utilizados diversos instrumentos que possam dar conta de avaliar as particularidades das crianças nos variados ambientes de aprendizagem.

No processo de coleta de dados o professor encontra uma fonte de informações sobre como cada criança está se desenvolvendo e observa onde é necessário fazer intervenções mediadoras, conforme é possível conferir na seguinte discussão.

## 2.5 COMO LIDAR COM O “ERRO”

As crianças estão em constante desenvolvimento e o erro faz parte de cada mudança de fase, por isso é de fundamental importância que o docente conheça cada uma das fases do desenvolvimento infantil e saiba como lidar com os equívocos dos alunos. (MOTA *et al.*, 2013).

O erro é parte integrante do processo de aprendizagem infantil, uma vez que a cada descoberta que a criança faz, ela se conecta com um mundo completamente novo e complexo, como afirma ESTEBAN (2003)<sup>3</sup> “tudo que é novo me traz a possibilidade do erro”, por isso os educadores não precisam enxergar os erros como um obstáculo, mas como uma forma de incentivo para a mudança.

Olhar o erro como um aliado do processo de ensino-aprendizagem configura-se ainda um desafio a ser superado, visto que muitos educadores o veem como um inimigo e não sabem ao certo como encará-lo. No entanto, o erro é uma das formas de comunicação entre o aluno e o docente, momento em que a criança mostra para a professora onde será necessária a intervenção para que haja avanço no seu desenvolvimento, conforme aponta Mota (*et al.*, 2013, p. 5):

Sendo considerado como fonte de novas aprendizagens, o erro é uma comunicação interativa entre professor-aluno, que conscientiza o educador das necessidades do educando, já que este é um critério-base na avaliação de ensino aprendizagem e deve passar de uma visão punitiva para uma visão estratégica.

Ao identificar o erro, a educadora tem a oportunidade de investigar como está se dando o processo de ensino-aprendizagem para aquele aluno e quais caminhos ele tem traçado dentro do contexto que lhe foi apresentado, conforme fala a seguir:

---

<sup>3</sup> Citação retirada do vídeo Tele Conferência Rede SESC-SENAC, programa exibido em 2003. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fXztUiDPCSM>. Acesso em 27 de março de 2021.

Neste sentido, a avaliação vai sendo constituída como um processo que indaga os resultados apresentados, os trajetos percorridos, os percursos previstos, as relações estabelecidas entre pessoas, saberes, informações, fatos, contextos. Não se paralisa com a identificação do erro ou do acerto, não busca relações superficiais entre o que é observável e os processos que o atravessam (ESTEBAN, 2000, p. 11).

Dito isso, a maneira como o educador atua frente aos equívocos das crianças fará decisiva diferença no processo de desenvolvimento das mesmas. A correção deve ser realizada, mas com todo cuidado possível, baseado na afetividade e no interesse de tornar aquele erro um ponto de partida para o reinício do processo. (MOTA *et al.*, 2013).

As análises a respeito do processo de aquisição do conhecimento das crianças devem ajudar a nortear as ações pedagógicas de cada educador e é sobre isso que o próximo ponto se debruça.

## 2.6 PRÁTICAS REFLEXIVAS DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

Após todo o processo de coleta de dados e registro, é preciso analisar tais elaborações, a fim de que o docente possa perceber se seu planejamento inicial conseguiu atingir os objetivos propostos ou não. Caso não tenham sido atingidos, esse é o momento de rever sua prática e procurar meios de aperfeiçoar sua proposta. Isso porque a avaliação é utilizada tanto para avaliar o aluno como a intervenção do professor, segundo escreve Weisz (2004, *apud* GEMIO, 2007).

A professora precisa sempre realizar sua autoavaliação e reflexão a respeito do seu planejamento inicial a fim de melhorá-lo e adequá-lo à realidade dos alunos, tendo em vista se houve ou não o desenvolvimento dos mesmos. A docente pode ter colocado como objetivo trabalhar ritmo e expressão corporal das crianças, no entanto ela não fez utilização de músicas, cantigas ou algo do gênero durante suas aulas. Então, não será possível avaliar se tal objetivo foi alcançado ou não, haja vista que não foi bem executado, como explícita Gemio (2007, p. 15):

Para que esse tipo de falha seja evitado, o professor, em sua reflexão, deve sempre fazer questões como: fui coerente? Permiti que os alunos se expressassem? Usei materiais adequados? Ouvi a criança? Abordei o conteúdo de forma adequada? Usei uma lógica compatível com a faixa etária?

Por isso, os resultados obtidos durante o processo avaliativo devem ser usados como base para o professor avaliar sua prática educativa e buscar meios de transformá-la, caso contrário para nada vai servir a avaliação. (GEMIO, 2007)

A análise de todo o material produzido deve ser feita da forma mais minuciosa possível, pois será a partir da visitação aos registros gerados que a docente poderá revisitar suas ações. Essa revisitação “conduz o professor a processos de aprendizagem que permitem uma melhor compreensão das hipóteses e teorias das crianças” (RAMIRES, 2008, p. 50).

Ao se debruçar nas análises, os professores devem estar voltados para entender como cada criança está se desenvolvendo e aprendendo, levando em consideração as características individuais delas, aqui o olhar do docente não deve procurar classificar as crianças em níveis de desenvolvimento, tomando como base o que deveriam estar fazendo ou não de acordo com sua idade (BARACHO, 2011, p. 51), pois cada criança tem suas particularidades e tempos diferentes de aprender mesmo pertencendo à mesma faixa etária, e isso deve ser respeitado.

Assim, é possível assegurar que além de observar e registrar os atos das crianças, a docente precisa avaliar se sua prática pedagógica está ou não gerando desenvolvimento e propiciando novos aprendizados e desafios para as mesmas.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

O presente estudo buscou investigar as práticas avaliativas de docentes que atuam na Educação Infantil, em duas escolas públicas municipais situadas na cidade de Santo Amaro – BA. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa. Essa abordagem de pesquisa “*dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais [...]*” (FLICK, 2009, p. 37).

Para proteger as escolas, utilizou-se o procedimento de codificação, a saber: Escola “B”, e Escola “C”. A primeira está localizada no centro da cidade, enquanto que a segunda situa-se em um distrito do município. A escolha dessas escolas ocorreu pela facilidade de acesso com relação ao deslocamento e contato com profissionais que poderiam intermediar os diálogos necessários para a realização da pesquisa.

A técnica selecionada para coleta de dados foi o questionário, aplicado a 7 (sete) docentes, sendo 3 (três) da escola “B” e 4 (quatro) da escola “C”, no período de setembro a

outubro de 2020. O contato com as professoras da escola B ocorreu por meio da diretora da instituição, esta conversou previamente com todas as educadoras da escola expondo o objetivo da pesquisa, mas apenas 03 delas se dispuseram a participar. Com o acesso aos e-mails das professoras, foi possível realizar os primeiros contatos para apresentação dos objetivos da pesquisa e envio do questionário. Vale destacar que as professoras tiveram 7 (dias) para responder ao questionário

Com as professoras da escola “C”, o contato aconteceu por meio de um colega que trabalha nessa escola. A mesma conseguiu levar os questionários pessoalmente para cada profissional com as quais foi possível contatar. Nessa escola, as professoras tiveram também 7 (sete) dias para responder aos questionários. É importante lembrar que não foi possível entrar em contato presencial com as educadoras por causa do cenário causado pela pandemia do novo coronavírus que culminou na suspensão das aulas nas creches e pré-escola de todo o Estado baiano. Tal situação impossibilitou a realização de observação e entrevista *in loco*.

O questionário enviado e entregue para cada educadora foi composto de questões abertas e fechadas que tinham o intuito de compreender as práticas avaliativas das professoras. As questões foram elaboradas como segue: O que a senhora entende por avaliação da aprendizagem? Quais instrumentos avaliativos a senhora utiliza? Em quais momentos e com que frequência utiliza os instrumentos mencionados? Para a senhora o que os instrumentos utilizados avaliam em relação às etapas do desenvolvimento da criança? O que a senhora faz quando a criança erra em uma atividade avaliativa? Como é realizado o registro das avaliações? O que é feito com os resultados das avaliações?

As informações colhidas em ambas às escolas foram analisadas de forma conjunta, haja vista que o número de participantes da pesquisa foi relativamente pequeno e por isso, não cabia aqui separar tais dados por instituição.

Após o processo de coleta das informações, iniciou-se a etapa de análises dos dados, bem como começou-se a traçar o perfil dos sujeitos dessa pesquisa, conforme é possível observar nos pontos seguintes.

### 3.1 RESULTADOS: PRÁTICAS AVALIATIVAS NO COTIDIANO DAS ESCOLAS

As duas instituições pesquisadas são destinadas a Educação Infantil que compreende a creche e a pré-escola e funcionam em período integral, nos turnos da manhã e tarde. A escola B tem 102 crianças matriculadas entre 02 a 04 anos de idade, divididas em 06 turmas, sendo

duas turmas de cada grupo. Possui ainda 12 professoras e 05 auxiliares de classe. Já a escola C possui 166 alunos entre 01 a 05 anos de idade, divididos em oito turmas, sendo uma turma do grupo 01 e outra do grupo 02 e duas turmas dos grupos 03, 04 e 05 respectivamente e seu corpo docente é formado por 13 professoras e 07 auxiliares de classe.

A tabela abaixo mostra o perfil das docentes entrevistadas. Para resguardar a identidade delas, estas foram identificadas pela letra inicial da palavra professora, acompanhada de um numeral. Assim, as professoras P1, P2 e P3 são da escola B e as professoras P4, P5, P6 e P7 ensinam na escola C.

**Tabela 1** - Perfil das docentes

Identificação	Idade	Licenciatura em Pedagogia	Pós-Graduação	Tempo de docência	Tempo de docência na Educação Infantil	Tempo de docência na instituição	Grupo que trabalha
P1	De 50 a 59	Sim	Sim	De 08 a 10 anos	De 05 a 07 anos	De 05 a 07 anos	04
P2	De 40 a 49	Sim	Não	De 08 a 10 anos	De 08 a 10 anos	De 05 a 07 anos	04
P3	De 50 a 59	Não	Não	Mais de 11 anos	Mais de 11 anos	De 02 a 04 anos	04
P4	De 30 a 39	Sim	Sim	Mais de 11 anos	De 08 a 10 anos	De 02 a 04 anos	03
P5	De 30 a 39	Sim	Não	De 08 a 10 anos	De 08 a 10 anos	De 08 a 10 anos	02
P6	De 40 a 49	Sim	Sim	Mais de 11 anos	Mais de 11 anos	Mais de 11 anos	02
P7	De 20 a 29	Sim	Sim	De 08 a 10 anos	De 08 a 10 anos	De 05 a 07 anos	02

Fonte: pesquisa de campo.

Todas as educadoras possuem escolaridade superior, sendo que 6 (seis) delas são licenciadas em Pedagogia e 1 (uma) em Geografia. Observa-se ainda que 4 (quatro) professoras são pós-graduadas em Psicopedagogia (A professora P6 fez com ênfase em Educação Infantil). Diante desses dados, pode-se verificar que todas as docentes atendem ao critério de formação de professores para a educação básica a que se refere o artigo 62 da lei número 12.796 de abril de 2013, uma vez que todas são licenciadas em curso superior.

Todas elas têm mais de 8 (oito) anos de docência, o que caracteriza uma experiência relevante na área de ensino-aprendizagem. Além disso, todas já estão na Educação Infantil há

mais de 5 (cinco) anos, ressaltando que 2 (duas) delas têm mais de 11 (onze) anos de vivência com as crianças.

Seguindo com a análise das informações e buscando alcançar os objetivos da pesquisa, as respostas das professoras foram separadas em quatro tópicos principais que resumem os posicionamentos delas e refletem como se dá o processo de avaliação em suas respectivas escolas.

### 3.2 CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

No tocante a concepção de avaliação, as professoras demonstram que compreendem a importância de avaliar as crianças, no entanto é possível perceber que a maioria das educadoras não enxerga que o processo avaliativo deve ser usado também para nortear sua prática educativa. Entre as professoras, 5 (cinco) se restringiram a afirmar que avaliação é usada para acompanhar o desenvolvimento da criança, conforme fala a seguir: *“avaliação da aprendizagem é um instrumento no qual utilizamos para avaliar o desempenho e a evolução dos alunos durante o processo de ensino aprendizagem”* (P2, Grupo 04, Escola B).

Uma das professoras deixou essa questão sem resposta e a outra docente destacou que a avaliação deve ser usada para nortear sua prática, ela escreveu:

*A avaliação da aprendizagem é um instrumento de uso essencial na prática docente. Através dela o professor não só evidencia os avanços da turma como também tem a oportunidade de analisar e autoavaliar sua prática pedagógica* (P6, Grupo 02, Escola C).

É possível perceber, dessa forma, que a concepção de avaliação para a maior parte das educadoras entrevistadas está um pouco distante das reflexões que Jussara Hoffmann nos traz quando diz: “[...] o processo avaliativo envolve necessariamente a reflexão crítica sobre o que se observou e a ação pedagógica decorrente de apoiar o aprendiz, sendo esta a finalidade essencial da avaliação mediadora na creche e pré-escola”. (HOFFMANN, s.d, p.10).

Como a aprendizagem está diretamente ligada ao ensino, não é possível realizar a avaliação da aprendizagem sem fazer uma autoanálise do cenário educativo em que esta foi originada, como afirmam Moro e Oliveira: “não há como avaliar exclusivamente a aprendizagem, desconsiderando o contexto educacional que se criou para tal aprendizagem aconteça. Ao observar a criança, se observa também o contexto criado. Ao avaliá-la, o

professor também avalia o processo e o contexto educativos.” (MORO e OLIVEIRA, 2015, p. 204).

O processo avaliativo necessita ser visto e utilizado como um aliado do professor, pois será a partir das observações feitas que o mesmo terá condições de verificar em quais situações deverá intervir ou não para que o desenvolvimento da criança ocorra da melhor forma possível.

### 3.3 OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO E O QUE AVALIAM

Há um consenso das docentes com relação aos instrumentos de coleta e registro das avaliações que são usados no dia a dia da sala de aula. As professoras disseram que observam as crianças em suas atividades diariamente, enquanto estas estão na rodinha de conversa, brincando ou executando alguma outra tarefa lúdica e realizam os registros dessas avaliações em cadernos de registro, em relatórios individuais e arquivam todas as atividades feitas pelas crianças em portfólios. Entre as falas das educadoras, destacam-se:

*Os instrumentos avaliativos utilizados são: portfólio, caderno de registro, atividades lúdicas entre outros [...] (P4, Grupo 03, Escola C).*

*[...] relatórios e portfólios. Os alunos são avaliados diariamente observando-se o seu desempenho, participação e interação nas atividades lúdicas, afetivas, emocional e cognitiva (P2, Grupo 04, Escola B);*

É perceptível que as professoras entrevistadas fazem usos de instrumentos adequados para avaliar as crianças, não fazendo uso de provas, testes ou qualquer outro elemento classificatório. Assim, as respostas das docentes corroboram com os escritos de Gaspar quando dizem:

*Podemos reconhecer que progressivamente foram evoluindo as percepções relativamente às práticas avaliativas com impacto em novas práticas de avaliação diferentes da avaliação tradicional. Ou seja, os educadores começaram a adotar instrumentos de avaliação que valorizassem mais o desenvolvimento e o progresso das crianças do que os resultados obtidos. (GASPAR, 2010, pg. 03).*

O uso dos instrumentos mencionados acima está de acordo também com o que escreve Moro e Oliveira: “[...] Tais proposições rechaçam a concepção de avaliação seletiva e classificatória e buscam assegurar o acompanhamento e o registro das atividades cotidianas efetivadas com as crianças”. (MORO e OLIVEIRA, 2015, p. 202).

As educadoras mostraram ainda que os instrumentos utilizados buscam avaliar o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração a individualidade de cada uma delas. É possível verificar isto nas falas a seguir:

*Os instrumentos visam o acompanhamento individual de cada aluno, no qual me possibilita observar o seu desenvolvimento em relação ao ensino aprendizagem como um todo (P2, Grupo 04, Escola B).*

*O ato de avaliar nesta primeira etapa da educação básica tem como objetivo acompanhar o desenvolvimento integral da criança considerando cada uma como ser individual (P7, Grupo 02, Escola C).*

Essas falas confirmam as reflexões de Hoffmann (s.d) sobre a importância de se enxergar cada criança como única, respeitando o seu tempo de aprendizado e desenvolvimento:

*Ao longo das etapas de seu desenvolvimento, elas revelam conquistas e avanços diferentes em relação às várias dimensões da aprendizagem. Algumas apresentam, por exemplo, um vocabulário desenvolvido e um pleno domínio da oralidade, mas não apresentam ainda determinadas habilidades motoras, como correr, pular [...] (HOFFMANN, s.d, p. 02).*

As entrevistadas demonstram que valorizam os avanços processuais das crianças, ao passo que estão interessadas em analisar seus feitos no dia a dia, não restringindo o ato avaliativo a momentos específicos do ano letivo. Elas afirmam que cotidianamente realizam a avaliação das crianças: *“diariamente em todos os momentos visto que se refere ao grupo 02 e toda ação gera uma devolutiva da criança” (P6, Grupo 02, Escola C).*

### 3.4 POSTURA FRENTE AO ERRO

Quando questionadas sobre como lidam com os erros das crianças frente às atividades propostas, 5 (cinco) das professoras mostraram que é necessário ter afetividade e versatilidade para contornar a situação e apresentar maneiras diferentes de trabalhar a atividade. Elas compreendem também que o erro da criança é uma forma de lhes dizer onde será necessário intervir:

*É notório dizer que é por meio do erro que o processo de construção nasce, ou seja, a partir do erro que o professor vai saber até que ponto o aluno já sabe e o que pode melhorar, pois o ato de avaliar faz-se necessário em qualquer método utilizado (P7, Grupo 02, Escola C).*

*[...] é preciso respeitar a sua individualidade, escutá-lo e observar suas expressões. E aí de forma afetiva e lúdica reverter à situação (P1, Grupo 04, Escola B).*

A posição destas educadoras está em concordância com os escritos de Barbosa (2009) quando diz que a ação docente deve ser sensível e sutil frente às observações realizadas:

Garantir a intencionalidade educacional nos planejamentos e nas propostas é ajustar a observação e a intervenção no momento em que está acontecendo, com sensibilidade e sutileza. Como alguém que sabe acolher e potencializar o modo ativo, direto, implicado da criança pequena. (BARBOSA, 2009, p. 103).

Uma das entrevistadas não externou seu pensamento em relação à questão proposta, deixando-a em branco, levando a entender, possivelmente, que a mesma não tem um posicionamento sobre o assunto.

A intervenção no momento oportuno e de maneira correta nas ações que as crianças estão executando é parte integrante de uma avaliação mediadora que reconhece a criança como sujeito no processo do ensino-aprendizagem, conforme aponta Portugal (2009, p.12)

[...] mas uma intervenção educativa verdadeira e qualitativamente superior pressupõe algo mais, pressupõe a capacidade de considerar a perspectiva dos outros, assumir que a dificuldade de alguém é o meu desafio, colocar-se na perspectiva da criança (e em consonância, ir mais devagar, dizer por outras palavras, propor outra abordagem, diversificar as atividades, etc.).

Ressalta-se aqui o grifo de outra professora que escreveu “*obs.: a educação infantil não faz atividade avaliativa*” (P3, Grupo 04, Escola B). A fala dessa professora denuncia que sua percepção de avaliação está voltada para uma concepção tradicional do ato de avaliar, considerando as atividades classificatórias ainda como modelo a ser seguido e demonstra compreender que a avaliação é realizada apenas em níveis de ensino que reprovam. Destaca-se também que esta é a docente que possui formação acadêmica em Geografia.

É possível afirmar, dessa maneira, que há professoras que têm dificuldades para realizar uma avaliação mediadora na escola, sendo esta uma postura essencial para o acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes, segundo as palavras de Jussara Hoffmann a postura mediadora visa:

analisar teoricamente as várias manifestações dos alunos em situação de aprendizagem (verbais ou escritas, outras produções), para acompanhar as hipóteses que eles vêm formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas de conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhes favoreça a descoberta de melhores soluções ou a reformulação de hipóteses preliminares formuladas [...] (HOFFMANN, 2000, p. 94).

Assim, a atitude da professora frente às ações das crianças deve as estimular a descobrir novos caminhos de atingir o objetivo proposto e, dessa forma, contribuir com sua aprendizagem em todas as áreas do ensino.

### 3.5 USO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A respeito da utilização dos resultados das avaliações, 4 (quatro) professoras afirmaram que os resultados são arquivados em pastas individuais dos alunos e que cópias são entregues aos pais e responsáveis, a fim de que a família possa acompanhar o desenvolvimento das suas crianças.

Uma das educadoras (a mesma que alegou não existir atividade avaliativa na educação infantil) não respondeu essa questão. A falta da resposta confirma, mais uma vez, sua dificuldade em superar a visão tradicional e classificatória da avaliação, como já frisado anteriormente.

Vale destacar que 2 (duas) professoras mostraram que os resultados das avaliações são usados como autoavaliação e as ajudam a direcionar suas ações pedagógicas:

*Com os resultados das avaliações percebemos também se a nossa prática rendeu bons resultados, se os objetivos foram alcançados e o que pode ser aperfeiçoado (P6, Grupo 02, Escola C).*

*Esse resultado me possibilita o direcionamento de um planejamento estratégico e organização das ações pedagógicas a serem desenvolvidas, de acordo ao perfil de cada (P2, Grupo 04, Escola B).*

As falas dessas 2 (duas) docentes mostram que para além do registro das avaliações é preciso refletir sobre tudo o que foi observado a fim de que o processo possa ser repensado e melhorado, conforme assinala Baracho (2011, p. 48)

*Assim, não basta apenas observar e registrar o que se viu: é necessário pensar sobre isso em um momento posterior, afastando-se da situação real” “[...] É preciso que a reflexão seja transformadora da prática, com base nela, que os professores busquem o alinhamento entre a teoria em que acreditam e seus afazeres com as crianças.*

Contudo, percebe-se que a maioria das entrevistadas não usa os resultados obtidos para nortear sua prática educativa e sim para compilá-los em arquivos, fato que corrobora com os escritos de Hoffmann (s.d) quando diz:

É importante ressaltar, então, que o processo avaliativo na Educação Infantil, devido à forte influência da concepção classificatória ainda vigente na maioria das instituições de ensino, pode significar acompanhar as crianças apenas no sentido de estar junto a elas, observando suas ações e colecionando desenhos, trabalhos realizados, registros do seu trabalho [...] (HOFFMANN, s.d, p. 08).

Por isso, é preciso que os estudos sobre avaliação na educação infantil continuem avançando a fim de que todas as crianças em creches e pré-escolas possam ser devidamente avaliadas. Para tanto, os educadores da infância necessitam ter acesso a formação acadêmica que lhes assegurem vivenciar novas práticas de avaliação que dê conta de acompanhar as etapas do desenvolvimento infantil.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dos objetivos propostos para este trabalho foi possível constatar que as educadoras entendem a importância de avaliar os processos de aprendizagem das crianças e em ambas as escolas pesquisadas o processo avaliativo envolve a observação diária das ações dos alunos e o registro delas é realizado por meio de relatório individual, caderno de registro e ainda por portfólios. Assim, verifica-se que a primeira etapa do ciclo da avaliação vem ocorrendo nessas instituições, ao passo que tem docentes engajadas em compreender e registrar o desenvolvimento das crianças no seu dia a dia.

No entanto, nota-se uma dificuldade a ser superada no tocante ao uso dos resultados das avaliações, uma vez que estes devem ser os norteadores das ações pedagógicas de cada educador. Dessa maneira, observa-se que a prática das docentes, na maioria das respostas dadas, é a de arquivar os resultados das avaliações, onde a pretensão de fazer uso dos mesmos para redirecionar o seu fazer pedagógico foi minimamente verificada.

Dessa forma, verifica-se a necessidade de preparar melhor os professores que atuam na área da Educação Infantil para que estes possam executar corretamente o ciclo contínuo do processo de avaliação das crianças, que consiste na observação, reflexão e ação pedagógica, conforme foi possível perceber nas falas dos autores pesquisados. Para tanto, a formação continuada dos docentes é de fundamental importância para que este objetivo seja alcançado com êxito.

Segundo afirma Hoffmann (s.d) o olhar do professor precisa ser treinado para acompanhar cuidadosamente a criança e também para gerar significados para cada ação que ela realiza. E tal treinamento além de ser adquirido por meio da experiência vem também através

de uma formação acadêmica adequada que contemple cada etapa de desenvolvimento da criança e ofereça para o educador as habilidades apropriadas para que este possa realizar uma avaliação detalhada que contribua com o avanço dos alunos em todas as áreas do conhecimento.

Assim, espera-se que este trabalho possa colaborar com as reflexões que vem sendo realizadas sobre avaliação no campo da Educação Infantil e auxilie ainda a formação continuada de professores que atuam nessa etapa de ensino.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil** - Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Ministério da Educação, Brasília, 2009.

BARACHO, Nayara Vicari de Paiva. **A documentação na abordagem de Reggio Emília para a Educação Infantil e suas contribuições para as práticas pedagógicas**: um olhar e as possibilidades em um contexto brasileiro. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 04 de abril de 2013.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília - DF, 18 de dezembro de 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9.394. Brasília, 1996.

CERISARA, Ana Beatriz (org.). Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. **Zero-a-Seis**: UFSC, 2002, v.4, n. 5.

ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliar: **Ato tecido pelas imprecisões do cotidiano**. Anped, nº 0611, 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009 (Tradução de Joice Elias Costa).

GASPAR, Daniela. **Avaliação das crianças na educação pré-escolar**: uso do portfólio como instrumentos de avaliação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, 2010.

GEMIO, Ana Beatriz Final. **Avaliação na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Educação) PUC – São Paulo, 2007.

HOFFMANN, Jussara. **Qual o significado da avaliação de crianças nas creches e pré-escolas?**. S.D. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/9648828-Qual-o-significado-da-avaliacao-de-criancas-nas-creches-e-pre-escolas-jussara-hoffmann.html>>, acesso em 10 de abril de 2021.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 17ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem na educação infantil. **Interações**, n. 32, p. 191-201, 2014.

LUCKESI, Cipriano. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, p. 79 - 88, 2002, vol. 4, n. 02, dez.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco - Campo Grande – MS, 2012.

MORO, Catarina. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Avaliação e Educação Infantil: Crianças e Serviços em Foco. In: FLORES e ALBURQUERQUE (org.) **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 199 - 216.

MOTA, Janaina de Fátima. A relevância do erro no processo de aprendizagem da criança de 5 a 7 anos. In: **XVII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XIII Encontro Latino Americano de Pós- Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba, p. 1-6, 2013. Disponível em: < [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2013/anais/arquivos/RE\\_0355\\_0603\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2013/anais/arquivos/RE_0355_0603_01.pdf)>. Acesso em 22 de abril de 2021.

MOTTA, Simone Bezerra da. Avaliação na educação infantil, um processo de ação e reflexão. **Revista Eventos Pedagógicos**, v.6, nº 2 (15. ed.), p. 231-240, jun./jul. 2015.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A História da Educação Infantil no Brasil: Avanços, Retrocessos e Desafios dessa Modalidade Educacional. **Revista HISTEDBR online**, Campinas, nº 33, p.78-95, 2009.

PORTUGAL, Gabriela. **Para o educador que queremos, que formação assegurar?** Exedra, 01, junho, 2009. Disponível em <<file:///C:/Users/andre/Downloads/Dialnet-ParaOEducadorQueQueremosQueFormacaoAssegurar-3398286.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2021

RAMIRES, Jussara Martins Silveira. **A construção do portfólio de avaliação em uma Escola Municipal de Educação Infantil de São Paulo: um relato crítico**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

SILVA, Tânia Zanatta. Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar na avaliação da aprendizagem. Pelotas – Rio Grande do Sul: **Revista Thema**, 2012, v.9, n.2.

TENORIO, Robinson Moreira; LOPES, Uaçai de Magalhães (org.). **Avaliação e Gestão:** teorias e práticas. Salvador - Ba: EDUFBA, 2010.